

deixaria a Deus mais algumas semanas o privilégio exclusivo de saber o segredo das coisas — como ele dizia rindo ao avô. Logo pela manhã cedo ia fazer as suas duas horas de armas com o velho Randon; depois via alguns doentes no bairro, onde se espalhara, com um brilho de legenda, a cura da Marcelina — e as garrafas de *bordéus* que lhe mandara Afonso. Começava a ser conhecido como médico. Tinha visitas no consultório — ordinariamente bacharéis, seus contemporâneos, que sabendo-o rico o consideravam gratuito, e lá entravam, murchos e com má cara, a contar a velha e mal disfarçada história de ternuras funestas. Salvava de um garrotinho a filha de um brasileiro, ao Aterro — e ganhara aí a sua primeira libra, a primeira que pelo seu trabalho ganhava um homem da sua família. O Dr. Barbedo convidara-o a assistir a uma operação ovariectômica. E enfim (mas esta consagração não a esperava realmente Carlos tão cedo), alguns dos seus bons colegas, que até aí, vendo-o só a governar os seus cavalos ingleses, falavam do «talento do Maia» — agora, percebendo-lhe estas migalhas de clientela, começavam a dizer «que o Maia era um asno». Carlos já falava a sério da sua carreira. Escrevera, com laboriosos requintes de estilista, dois artigos para a *Gazeta Médica*; e pensava em fazer um livro de ideias, que se devia chamar *Medicina Antiga e Moderna*. De resto ocupava-se sempre dos seus cavalos, do seu luxo, do seu *bric-à-brac*. E através de tudo isto, em virtude dessa fatal dispersão de curiosidade que, no meio do caso mais interessante de patologia, lhe fazia voltar a cabeça se ouvia falar de uma estátua ou de um poeta, atraía-o singularmente a antiga ideia do Ega, a criação de uma revista, que dirigisse o gosto, pesasse na política, regulasse a sociedade, fosse a força pensante de Lisboa...

Era, porém, inútil lembrar ao Ega este belo plano. Abria um olho vago, respondia:

— Ah, a Revista... Sim, está claro, pensar nisso! Havemos de falar, eu aparecerei...

Mas não aparecia no Ramalhete, nem no consultório; apenas se avistavam, às vezes, em S. Carlos, onde o Ega, todo o tempo que não passava no camarote dos Cohens, vinha invariavelmente refugiar-se no fundo da frisa de Carlos, por trás de Taveira ou do Cruges, de onde pudesse olhar de vez em quando Raquel Cohen — e ali ficava, silencioso, com a cabeça apoiada ao tabique, repousando e como saturado de felicidade...

O dia (dizia ele) tinha-o todo tomado; andava procurando casa, andava estudando mobílias... Mas era fácil encontrá-lo pelo Chiado e pelo Loreto, a rondar e a farejar — ou então no fundo de tipóias de praça, batendo a meio galope, num espalhafato de aventura.

O seu dandismo requintava; arvorara, com o desplante soberbo de um Brummel, casaca de botões amarelos sobre colete de cetim branco; e Carlos entrando uma manhã cedo no Universal, deu com ele pálido de cólera, a despropositar com um criado, por causa de uns sapatos mal envernizados. Os seus companheiros constantes, agora, eram um Dâmaso Salcede, amigo do Cohen, e um primo da Raquel Cohen, mocinho imberbe, de olho esperto e duro, já com ares de emprestar a trinta por cento.

Entre os amigos, no Ramalhete, sobretudo na frisa, discutia-se às vezes Raquel, e as opiniões discordavam. Taveira achava-a «deliciosa!» — e dizia-o rilhando o dente; ao marquês não deixava de parecer apetitosa, para uma vez, aquela carnezinha *faisandée* de mulher de trinta anos; Cruges chamava-lhe uma «lambisgóia relambória». Nos jornais, na secção do *High Life*, ela era «uma das nossas primeiras elegantes»: e toda a Lisboa a conhecia, e a sua luneta de ouro presa por um fio de ouro, e a sua caleche azul com cavalos pretos. Era alta, muito pálida, sobretudo às luzes, delicada de saúde, com um quebranto nos olhos pisados, uma infinita languidez em toda a sua pessoa, um ar de romance e de lírio meio murcho: a sua maior beleza estava nos cabelos, magnificamente negros, ondeados, muito pesados, rebeldes aos ganchos, e que ela deixava habilmente cair numa massa meio solta sobre as costas, como num desalinho de nudez. Dizia-se que tinha literatura, e fazia frases. O seu sorriso lasso, pálido, constante, dava-lhe um ar de insignificância. O pobre Ega adorava-a.

Conhecera-a na Foz, na Assembleia; nessa noite, cervejando com os rapazes, ainda lhe chamou «camélia melada», dias depois já adu-lava o marido; e agora esse demagogo, que queria o massacre em massa das classes médias, soluçava muita vez por causa dela, horas inteiras, caído para cima da cama.

Em Lisboa, entre o Grémio e a Casa Havanesa, já se começava a falar «do arranjinho do Ega». Ele todavia procurava pôr a sua felicidade ao abrigo de todas as suspeitas humanas. Havia nas suas complicadas precauções tanta sinceridade como prazer romântico do misté-